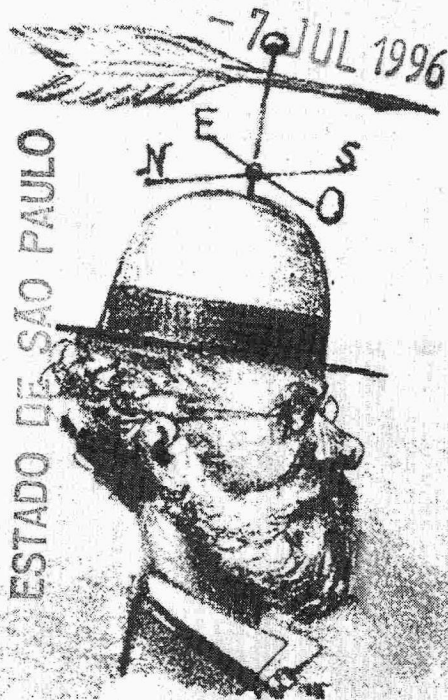


Uma idéia radical (e racional) para a Saúde

Circula no governo, ainda de forma embrionária, a idéia de separar o sistema de saúde pública da rede de atendimento privada. Atualmente o governo gasta R\$ 20 bilhões por ano, mas 7 em cada 10 leitos hospitalares de atendimento do público estão em mãos privadas. A maioria deles é remunerada pelo SUS. Em alguns casos, são instituições exemplares. Em outros, são santas-genovevas. Amparam-se num poderoso grupo de pressão política e é provável que a bancada hospitalista no Congresso seja maior que a ruralista.

Discute-se a possibilidade de corte gradual dos serviços privados, reforçando-se os hospitais públicos. Se tivessem feito isso com os serviços de hemodiálise, dificilmente teria acontecido o que aconteceu em Ca-



ruaru. No Rio de Janeiro, por exemplo, o Hospital dos Servidores do Estado tinha um dos melhores serviços de hemodiálise do País. Foi inteiramente sucateado em benefício de uma rede de serviços privados que atende mal porque é mal paga.

Sucedem com a hemodiálise uma amostra da tripla contabilidade do sistema de saúde nacional. O governo paga pelos serviços da rede pública (sucateada) e financia as clínicas privadas por meio do SUS. O cidadão, que paga impostos, se protege com os planos médicos privados, mas acaba descobrindo que eles não cobrem esse tipo de assistência. Da soma desses três tipos de financiamento, resulta que só um terço dos doentes que precisam de hemodiálise tem acesso ao serviço. E os outros dois terços? Morrem.